



nada

**solar**

Galeria de  
Arte Cinemática

30.11.2024 — 01.02.2025

Exposição  
Vila do Conde

João  
Gabriel

perma  
nece

igual

**Coordenação**

Mário Micaelo

**Produção**

Maria Cardoso

**Apoio à produção**

Cândida Martins

**Montagem da exposição**

Ricardo Ramos,

Pedro Teixeira

**Iluminação**

Miguel Ângelo

**Comunicação e imprensa**

Mariana Vieira

**Fotografia**

João Brites

**Design gráfico**

João Faria, drop.pt

**Spot vídeo**

Loop Audiovisual Studio

**Direção artística**

**Solar Galeria**

**de Arte Cinemática**

Miguel Dias,

Mário Micaelo,

Nuno Rodrigues

A Solar – Galeria de Arte Cinemática, apresenta “nada permanece igual” do artista plástico João Gabriel, uma exposição que se afasta dos habituais dispositivos de projeção vídeo da galeria, integrando um conjunto de pinturas inéditas a óleo e de grandes dimensões.

A relação de João Gabriel com a Solar já data de 2016, ano em que o artista expôs, no projeto CAVE, uma série de pinturas sobre papel de dimensões mais reduzidas e de inspiração assaz cinematográfica.

A sua prática artística não é apenas informada pela fotografia, pelo cinema e pela memória. Parte integral da sua inspiração são os anos 70 e 80, uma época marcada por momentos de extrema liberdade (e libertação) sexual entre membros da comunidade *queer* que terminou abruptamente com a eclosão da pandemia do VIH. Este enorme trauma, que afetou as gerações posteriores, estabeleceu uma correlação entre sexualidade e morte, uma perda sublinhada nas pinturas de Gabriel, sobre representações de desejo e inocência, já que “nada permaneceu igual”.

Para a Solar, o artista apresenta uma seleção de obras muito recentes, de pintura a óleo sobre tela — na maioria de grandes dimensões — e papel, nas quais o isolamento e a união aparecem em demonstrações de afeto. As obras oscilam entre estes espaços: público e privado, interior e exterior, natureza e domesticidade, observar e ser observado, pintura e cinema. Sobre paisagens naturais, representadas quase de forma impressionista, João Gabriel incorpora o movimento e figuração, revelando a presença sedutora de corpos humanos numa série de situações expectantes.

Desta forma, o público é convidado a partilhar estes momentos íntimos, quase como um *voyeur*, criando-se, assim, um espaço narrativo, num percurso que é também de reflexão e afirmação do direito à visibilidade de identidades que, durante demasiado tempo, foram sistematicamente obliteradas.

A inauguração terá lugar no dia 30 de novembro, pelas 17 horas, com a presença dos artistas João Gabriel e Joana Hintze (artista convidada do projeto CAVE). O momento será acompanhado de bar aberto, patrocinado pela DCN Beers, e DJ set. ■

## Pausa e arrasto

### Miguel von Hafe Pérez

Há um lastro cumulativo na relação que se estabelece com um artista no momento da escrita sobre o seu trabalho que pode advir do conhecimento prévio da obra, da amizade e momentos partilhados onde a mais insignificante conversa pode adensar um interior cúmplice de interesses, ideias e experiências.

Outro cenário é o da exterioridade. É aí que me situo: não conheço pessoalmente o João Gabriel e o meu contacto com a obra tem sido pautado pela sua apresentação pública.

Não o abordei neste contexto, não visitei o atelier, não senti o cheiro das tintas, não deixei o meu olhar percorrer as evocativas acumulações de restos da prática oficial de criação das imagens que determinam estas palavras.

Reconhecemos nele um diligente e profícuo exercício sobre os limites da pintura e sobre a capacidade da imagem se ancorar nos interstícios de uma sociedade onde a cultura digital nos arrasta para uma total indiferenciação do seu peso: a gravitas de uma representação da morte nas guerras que nos circundam equivale-se à pornográfica banalidade dos influenciadores nos seus mundos sem mundo.

A pintura de João Gabriel não procura um consumidor. Ela está e existe naquele que se sintá interpelado criticamente pela complexidade da imagem única.

Esta imagem não pode ficar refém da aura circundante que se foi edificando a partir de dados recorrentes no corpo de trabalho deste autor: a utilização de imagens retiradas de filmes gay dos anos setenta e oitenta do século passado, a criação de cenas onde personagens se imiscuem com fragmentos da natureza que ele conhece, num prolixo jogo entre a imagem parada e apropriada e a posterior composição pictórica.

Não pode ficar refém das leituras de índole sociológica ou política. Inscrever-se num universo particular não determina necessariamente um ativismo panfletário.

A inscrição primordial é, aqui, a inscrição na própria tradição da pintura. Ora essa tradição afirma-se tanto nos seus territórios formais, como nos sujeitos ou temas reinterpretados, radicalizados ou simplesmente recusados.

Recordo, a este propósito, as palavras sábias de Álvaro Lapa sobre a questão da forma e do propósito na pintura, escritas em 1971: «Revendo o que já fiz em figura de pintor, eu verifico uma constante, a da imagem saturada. No que creio coincidir com o destino desta arte. O que para mim é flagrante, em cada obra que admiro, é uma saturação dos meios usados, ao nível técnico, da imagem e da ética revelada. Não é indiferente esta discriminação: a técnica é o primeiro grau, operatório. A imagem é o resíduo, e o ponto de partida; é aleatória porque qualquer imagem serve, e é, simbólica, incomparável, porque a sua função representativa é experimentada a um nível que, ao ser viável, a constitui inevitavelmente. A ética é o pathos privado e público, é o carácter e o destino do autor. Mas não são exclusivos, por isso nunca surgem separados. Uma obra é um procedimento imaginário, imaginado, que explicita tecnicamente uma função ética. É, por posição, incómoda, contraditória e flagrante.»

Incômoda, contraditória e flagrante: creio ser essa também a cons-  
telação interpretativa plausível para qualquer aproximação ao trabalho  
do João Gabriel.

Nele habita um oxímoro que se poderia explicitar a partir da refe-  
rência a dois pintores tão abismalmente distantes quanto imaginável:  
Matisse e Bacon. Há uma busca incessante de beleza na pintura de  
João Gabriel, ao que acresce a tranquilidade idílica dos momentos  
onde o desejo determina uma felicidade ansiada e vivida. O corpo-  
matéria e o corpo-espírito em aquosa simbiose com o natural. A puta-  
tiva simplicidade do magistério da cor em Matisse era escape para uma  
época de tormenta existencial. Já Bacon, nos estertores desse mesmo  
existencialismo bruto e cruel, como ele próprio referia, queria distorcer  
as coisas para além das aparências, mas nessa distorção trazê-las de  
volta a uma memória da aparência.

Duas visões distintas para uma afirmação única: a pintura não é  
uma representação do mundo, a pintura (como toda a arte) é mundo.

Os corpos de João Gabriel podem constituir fantasmáticas memó-  
rias de uma pausa num filme aleatório, ou arrasto de pensamentos  
experienciados.

No seu exercício pictórico encontro ecos da prática de um outro  
artista que me tem fascinado ao longo de décadas - Jeff Wall -, nomea-  
damente quando ele discorre sobre a noção de cinematografia e a asso-  
cia ao ventriloquismo: «Com a cinematografia ou construção, temos  
a ilusão de que uma imagem está completa, um microcosmo que  
não representa o mundo num modo fotográfico, mas mais à maneira  
de imagens simbólicas ou alegorias. [...] A beleza da fotografia está  
ancorada na grande colagem que é o quotidiano, uma combinação de  
coisas absolutamente concretas e específicas criadas por ninguém e  
por todos, que se tornam disponíveis quando unificadas numa imagem.  
Aí há uma ‘voz’, mas não pode ser atribuída a um autor ou narrador, nem  
mesmo a um fotógrafo. Cinematografia retira isto da fotografia, mas  
torna-o uma questão de autoria outra vez. Alguém é agora responsável  
pela mise-en-scène, e esse alguém está a pretender ser toda a gente  
ou a ser anónimo, na medida em que a cena é semelhante à realidade e  
enquanto imagem parece uma fotografia. Cinematografia é algo muito  
parecido ao ventriloquismo.»

Como referi anteriormente, não creio que João Gabriel aposte numa  
discursividade personalizada na sua pintura. Vejo-o, também, como um  
ventriloquista. Uma voz que se esquia à autodeterminação para assim  
se tornar mais universal. Uma pintura onde a representação, tal como  
nas suas sucessivas, pacientes e assertivas camadas, bebe da tradição  
como homenagem ao presente.

A inteligência do olhar é comunhão esperada com a comoção convo-  
cada. Dessacralizada, a nova religião panteísta é tão política quanto  
mística. Contra o medo. Contra o tédio. Contra a banalidade.

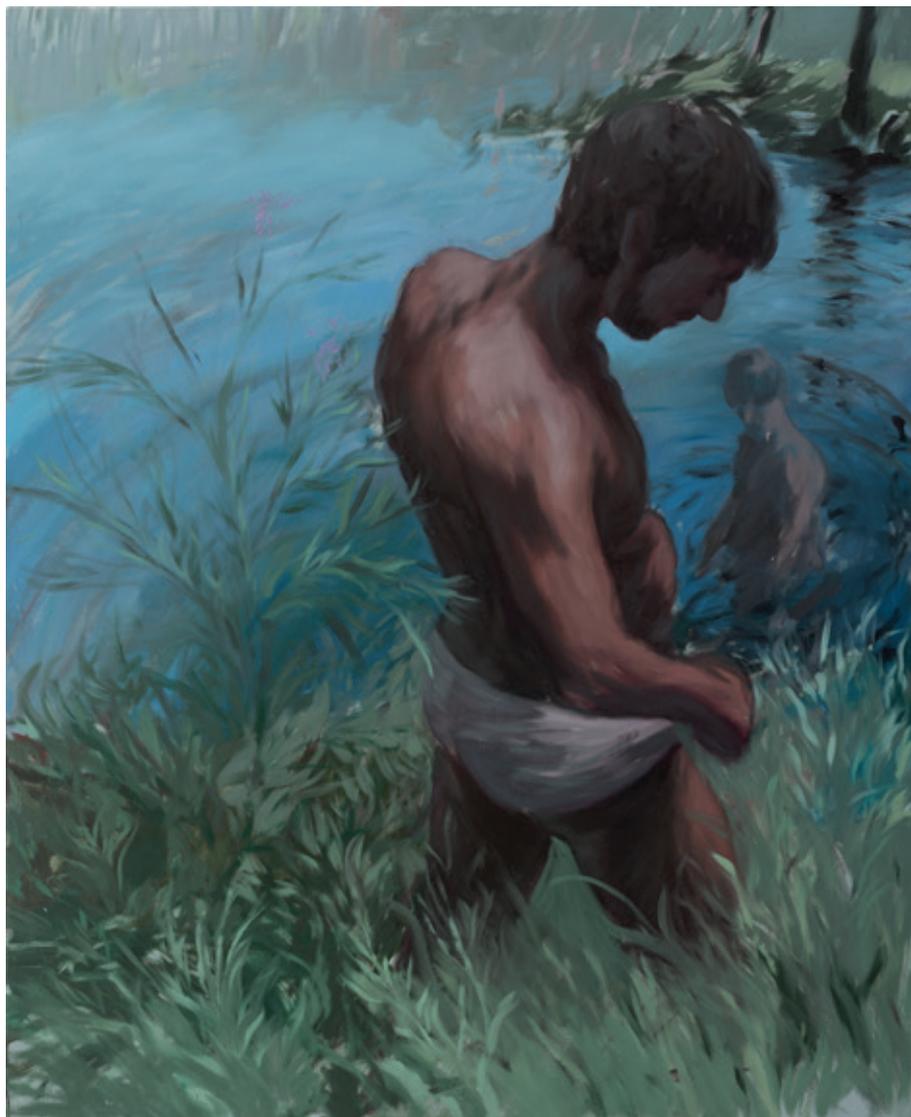
Porque, nas circunstâncias atuais, não temer a beleza é ato desviante.  
E pintar, cinematograficamente compondo-a, é ato de resistência. ■

nada

João  
Gabriel

perma  
nece

igual



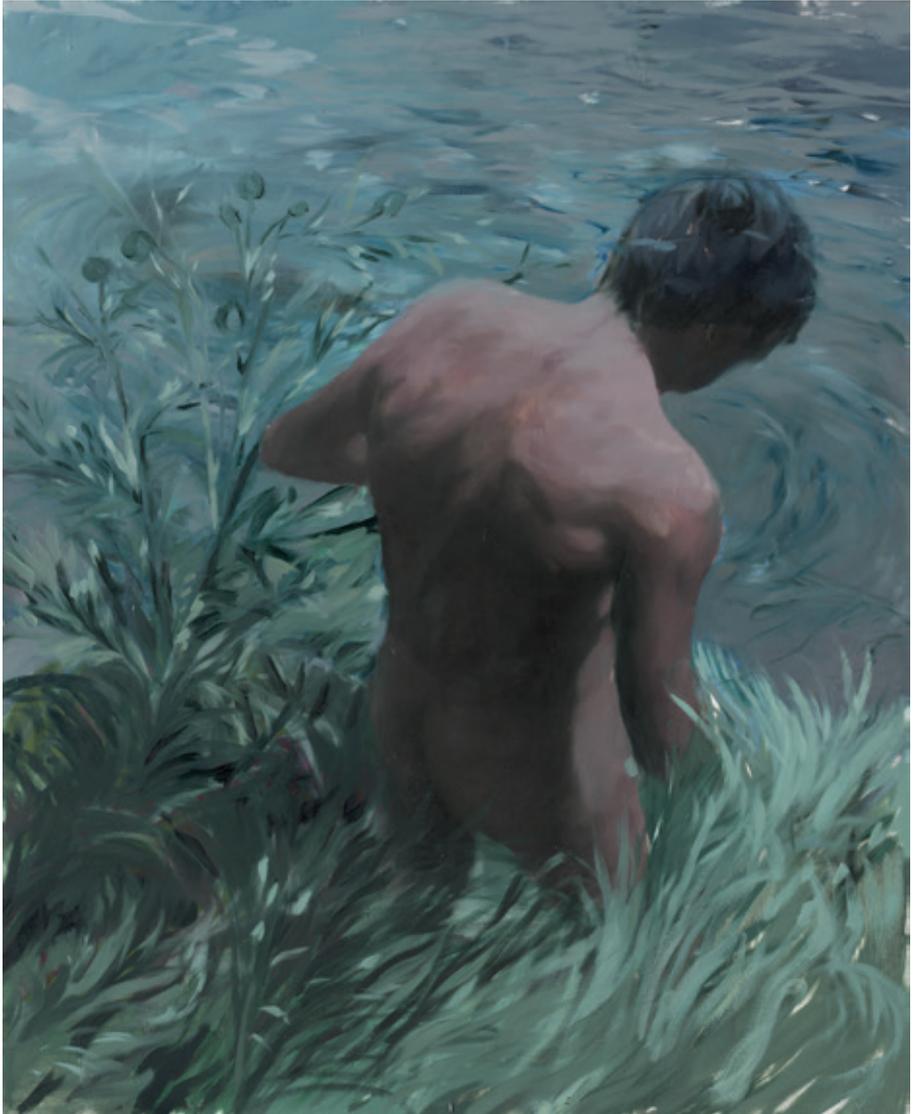
[Sala A]

---

**Sem título**

2024

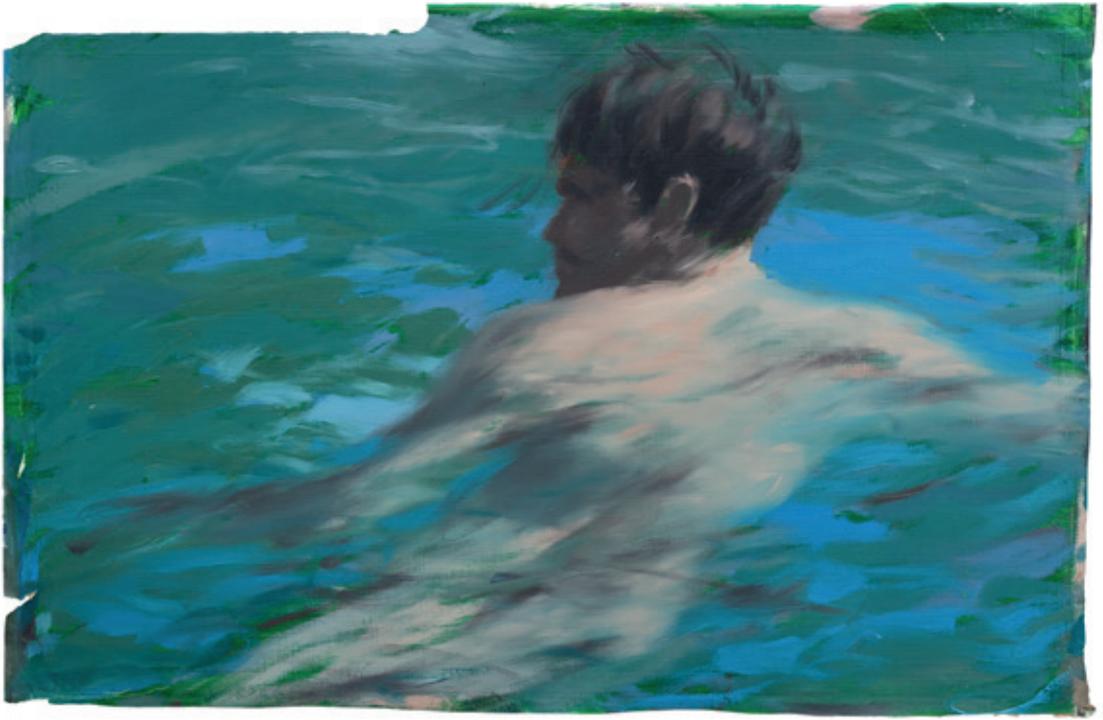
Óleo sobre tela, 200×160 cm



---

**Sem título**  
2024  
Óleo sobre tela, 200x160 cm





[Nicho]

---

**Sem título**

2024

Óleo sobre papel, 70×100 cm

---

**Sem título**

2024

Óleo sobre papel, 70×100 cm



---

**Sem título**  
2024  
Óleo sobre papel, 70×100 cm





[Sala B]



---

**Sem título**

2024

Óleo sobre tela, 224×158 cm

---

**Sem título**

2024

Díptico de óleo sobre tela, 200×320 cm







[Sala C]

---

**Sem título**

2024

Óleo sobre tela, 225×170 cm

---

**Sem título**

2024

Óleo sobre tela, 110×156 cm





[Sala D ]

---

**Sem título**

2024

Óleo sobre tela, 115×160 cm



## João Gabriel

Nasceu em Leira em 1992. Atualmente vive e trabalha nas Caldas da Rainha. Licenciado pela Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha onde, em 2016, concluiu o Mestrado em Artes Plásticas.

Destacam-se as exposições individuais: (2023) "I was looking at you and you couldn't see me", O-Town House, Los Angeles (EUA); (2022) "Por trás daquela janela", Lehmann + Silva, Porto (PT); "Almost Blue", Kunstverein Braunschweig (DE); "Nightfall", Mind Set Art Center, Taipei (TW); (2021) "A place only we know", The RYDER projects, Madrid (ES); (2019) "Don't you remember why we came here for?", The RYDER London, Londres (UK); "De noite, todos os gatos", galeria do Teatro da Politécnica, Lisboa (PT); Art Brussels 2019, com a galeria Lehmann + Silva, Bruxelas (BE); "O lume dos olhos, a luzir no escuro", Lehmann + Silva, Porto (PT); (2018) "A Permit for that Fire", Galería Mascota, Cidade do México (MX); "My favourite things", Galeria da Boavista, Lisboa (PT); (2017) "Sin título", Galeria Vilaseco, Corunha (ES); (2016) "Paul & Bobby", Sexto Grandioso Fim de Semana no Bregas, Lisboa (PT).

Quanto a exposições coletivas, participou em diversas: (2024) "Significant Other", KRONE X WHATIFTHEWORLD, Twee Jonge Gezellen, Tullbagh (ZA); (2023) "Fantasma Gaiata. A Coleção da CGD", Culturgest, Lisboa (PT); "Rooms of Resonance", Frédéric de Goldschmidt Collection, Cloud Seven, Bruxelas (BE); (2022) "The exhibition formerly known as 'Trace Image'", Galeria DEBORAH SCHAMONI, Munique (DE); "Quem nos Salva?", MACE - Museu de Arte Contemporânea de Elvas, Elvas (PT); "NOVAS AQUISIÇÕES NA COLEÇÃO DE ARTE FUNDAÇÃO EDP", MAAT - Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, Lisboa (PT); (2020) "Red Light: Sexualidade e representação na Coleção Norlinda e José Lima", Centro de Arte Oliva, S. João da Madeira; (2019) Anozero'19 - Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra; (2017) Prémio Novos artistas Fundação EDP, MAAT, Lisboa; "Quatro Elementos", Galeria Municipal do Porto (PT); "Género na Arte. Corpo, Sexualidade, Identidade e Resistência", MNAC, Lisboa.

As suas obras fazem parte das coleções: Direção-Geral do Património Cultural (PT); Coleção de Arte Municipal do Porto (PT); Fundação EDP, MAAT - Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, Lisboa (PT); Coleção CGD (PT); Câmara Municipal das Caldas da Rainha (PT); SUNPRIDE FOUNDATION (HK); The Nixon Collection (UK); Frédéric de Goldschmidt Collection, Bruxelas (BE); Coleção Maria e Armando Cabral (PT); Coleção Norlinda e José Lima, S. João da Madeira (PT); Coleção António Cachola, MACE, Elvas (PT); Marin Gaspar (PT); Figueiredo Ribeiro (PT); Coleções privadas em Portugal, Alemanha, França, Bélgica, Espanha, Inglaterra, Áustria, Itália, Suíça, México, Brasil, Taiwan e EUA.

---

## Solar Galeria de Arte Cinemática

---

### Exposição

30.11.2024 - 01.02.2025

Seg - Sáb

14:00 - 18:00

---

### Inauguração

Dj Set e Bar Aberto

30.11 - Sáb

17:00 - 20:00

---

### Entrada gratuita

---

## Solar Galeria de Arte Cinemática

Rua do Lidador 139

4480-791 Vila do Conde

T 252 646516 • 252 138191

solar@curtas.pt

---

[facebook.com/solar.gac](https://facebook.com/solar.gac)

[instagram.com/solar\\_galeria](https://instagram.com/solar_galeria)

[www.solar.curtas.pt](http://www.solar.curtas.pt)



ORGANIZAÇÃO



PARCERIA

LEHMANN + SILVA

SOLAR - GALERIA DE ARTE CINEMÁTICA FINANCIADA POR



CÂMARA MUNICIPAL  
VILA DO CONDE



dgARTES DIREÇÃO-GERAL  
DAS ARTES

APOIO



SOLAR - GALERIA DE ARTE CINEMÁTICA  
É PARTE INTEGRANTE DA



APOIO À COMUNICAÇÃO



il. LINEAR il.  
TRAJE - A RAÍZ DE VILA DO CONDE

C7NEMA



e-Cultura.pt  
CENTRO MUNICIPAL DE CULTURA